

A REATIVIDADE INTERPESSOAL EM UNIVERSITÁRIOS: VERIFICAÇÃO DE UMA MEDIDA MULTIDIMENSIONAL DA EMPATIA

2013

Nilton S. Formiga

Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor do curso de Psicologia na Faculdade Maurício de Nassau – JP

Ionara Dantas Estevam

Doutora em Psicologia Social, pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor do curso de Psicologia na Universidade Potiguar – RN

Gilvando Estevam da Silva

Mestre em Ciências da Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor no curso de Direito e Administração na Universidade Potiguar – RN

Amanda V. V. S. Aguiar

Aluna do curso de Psicologia na Faculdade Maurício de Nassau – JP

Ayla D. C. Ribeiro

Aluna do curso de Psicologia na Faculdade Maurício de Nassau – JP

Contato:

nsformiga@yahoo.com

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo verificação a estrutura fatorial da escala de empatia em uma amostra de universitários no Estado do Rio Grande do Norte. Dos muitos instrumentos que mensuram a empatia, a escala multidimensional de reatividade interpessoal (EMRI) é a mais utilizada para se avaliar tal construto; esta, tem estrutura teórica e de medida psicológica melhor organizada. Alguns estudos tem observado uma estrutura fatorial com quatro fatores (Consideração Empática, Tomada de Perspectiva, Angustia Pessoal, Fantasia), organização essa que espera-se encontrar. Participaram do estudo, 181 universitários, do sexo masculino e do sexo feminino, de 17 a 57 anos, todos eram da cidade de Natal-RN. Eles responderam a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal e dados sócio-demográficos. A partir de uma



análise de equação e modelagem estrutural, observaram-se indicadores psicométricos que garantiram a consistência estrutural da escala, garantindo a segurança teórica e empírica do construto da empatia.

Palavras-chave: Fidedignidade, modelagem estrutural, empatia, jovens

INTRODUÇÃO

Compreende-se a empatia um construto psicológico referente a disposição funcional das pessoas interagirem trocas de experiências de maneira incondicional com os outros. Isto é, trata-se de uma resposta afetiva de origem evolutiva, com a qual o sujeito responderá de forma mais apropriada frente à situação do outro do que para si mesmo. Sendo assim, uma pessoa empática, em termos teóricos, gerar-se-á uma capacidade de experimentar as emoções e/ou ter pensamentos que, provavelmente, a outra pessoa tem ou estaria experimentado. Desta maneira, a pessoa empática adotaria o ponto de vista do outro, compreenderia suas motivações e necessidades e atribuiria atitudes e comportamentos ao outro com a função de prover ajuda, agregação, cuidado, justiça e solidariedade (Batson, Eklund, Chermok, Hoyt & Ortiz, 2007; Batson, Tricia, Highberger & Shaw, 1995; Davis 1983; Decety, 2005; Decety & Jackson, 2004; Decety, Michalska & Akitsuki, 2008; Hoffman, 2000; Mehrabian & Epstein, 1972; Wispé, 1990).

Considerando a importância desse construto no desenvolvimento do ser humano, muito estudos têm sido organizados com objetivo tanto de avaliar uma medida que melhor represente a percepção da empatia no ser humano quanto a influência que a empatia teria em relação as variáveis individuais, sociais e psicossociais. No Brasil, apesar de encontrar muitos instrumentos que avaliam a capacidade das pessoas se colocarem no lugar do outro (isto é, a empatia) (Siqueira; Barbosa; Alves, 1999; Ribeiro et. al., 2002; Primi; Bueno; Muniz, 2006; Gouveia, Guerra, Santos, Rivera & Singelis, 2007; Bandeira; Costa; Del Prette; Del Prette; Gerk-Carneiro, 2000; Del Prette; Del Prette, 2005; Falcone et. al., 2008; Galvão; Camino; Gouveia; Formiga, 2010) ainda tem considerado a escala de empatia desenvolvida por Davis (1983) uma das medidas mais usadas e importante para mensurar este construto; tal fato, se deve por ela possuir um corpo teórico organizado e de indicadores psicométricos que garantem uma definição e relação item-fator de forma consistente na abordagem do construto (Formiga, Rique, Galvão, Camino & Mathias, 2011).

Desta forma, a EMRI tem sua importância porque o autor da escala parte de uma perspectiva metodológica e teórica de uma medida com construtos intercorrelacionados, com



base numa visão psicogenética, evolutiva e multidimensional da empatia (Formiga et al., 2011; Ribeiro et al., 2002; (Formiga, Galvão, Barboza & Camino, 2012). A perspectiva abordada para a construção desta escala, desenvolvida por Davis (1983), pressupõe que as habilidades empáticas são distribuídas em quatro construtos independentes, os quais avaliam experiências afetivas e cognitivas da pessoa: no que se refere à experiência cognitiva, destaca-se o construto *tomada de perspectiva do outro* (refere-se à capacidade cognitiva voltada para a compreensão e coordenação de percepções do outro que visem à solução de conflitos interpessoais e sociais) e *fantasia* (refere-se a habilidade de se identificar com personagens ficcionais em novelas, filmes e romances e sentir junto com eles, uma adesão involuntária às condições afetivas de alegria, tristeza, raiva etc. e/ou de necessidade destes personagens); em relação a experiência afetiva, esta, poderá ser acessada na pessoas através da *consideração empática* (diz respeito à capacidade de avaliar e sentir com o outro, bem como do reconhecer seus afetos e necessidades, que pode ser experimentada no *self* como uma motivação de cunho pró-social que pode levar ao comportamento de ajuda) e a *angustia pessoal* (refere-se a um sentimento de tensão e desconforto, frente à condição de necessidade do outro, podendo gerar comportamentos de afastamento ao invés de comportamentos de ajuda), porém, podendo estar interrelacionada. Com isso, o presente estudo tem como objetivo verificar a consistência da estrutura fatorial, a partir da estrutura previamente observada pelos autores supracitados; buscando garantir a qualidade do estudo, será realizada uma análise fatorial confirmatória e de modelagem de equação estrutural, pois, estas técnicas levam em conta a teoria para definir os itens pertencentes a cada fator, bem como, apresentar indicadores de bondade de ajuste que permitem decidir objetivamente sobre a validade (neste caso, a fidedignidade) do construto analisado. Além de buscar a garantia da estimativa da magnitude dos efeitos estabelecidos entre variáveis, as quais estão condicionadas ao fato de o modelo especificado (isto é, o diagrama) estar correto e procurar corroborá-lo, pretende-se também, testar, se o modelo é consistente com os dados observados, a partir dos indicadores estatísticos, condição que permite dizer que resultado, modelo e dados são plausíveis (Farias & Santos, 2000).

MÉTODOS

Amostra

Participaram do estudo 181 sujeitos, do sexo masculino e do sexo feminino (62%), de 17 a 57 anos ($M = 25,38$; $d.p. = 8,56$), de uma instituição particular de ensino superior da cidade de Natal-RN. A amostra foi não probabilística, pois considerou-se a pessoa que, consultada, se dispusera a colaborar, respondendo o questionário que foi apresentado.



Instrumentos

Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis – EMRI. Trata-se de um instrumento elaborado por Davis (1983) e adaptado em sua versão original por Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga e Menezes (2011) para o contexto brasileiro e corroborado, com suas quatro dimensões, no estudo de Formiga, Sampaio, Guimarães e Camino (2012). O instrumento é composto por 26 sentenças que descrevem comportamentos, sentimentos e características relacionadas à empatia, que são utilizadas para avaliar as seguintes dimensões da empatia:

- Angústia pessoal (AP) - avalia as sensações afetivas de desconforto, incômodo e desprazer dirigidas para o *self*, quando o indivíduo imagina o sofrimento de outrem (por exemplo, *Perco o controle quando vejo alguém que esteja precisando de muita ajuda; Fico apreensivo em situações emergenciais, etc.*);

- Consideração empática (CE) - esta dimensão relaciona-se aos sentimentos dirigidos ao outro e à motivação para ajudar pessoas em necessidade, perigo ou desvantagem (Ex: *Sinto compaixão quando alguém é tratado injustamente; Quando vejo que se aproveitam de alguém, sinto necessidade de protegê-lo, etc.*);

- Tomada de perspectiva (TP) - mede a capacidade cognitiva do indivíduo de se colocar no lugar de outras pessoas, reconhecendo e inferindo o que elas pensam e sentem (Ex: *Imagino como as pessoas se sentem quando eu as critico; Tento compreender meus amigos imaginando como eles vêem as coisas, etc.*);

- Fantasia (FS) - a primeira designa a habilidade de se colocar no lugar de outras pessoas, tomando suas perspectivas e imaginando o que elas pensam ou sentem; a subescala de fantasia avalia a tendência de transpor a si mesmo imaginativamente, colocando-se no lugar de personagens de filmes e/ ou livros (Ex: *Tenho facilidade de assumir a posição de um personagem do filme; Depois de ver uma peça de teatro ou um filme sinto-me envolvido com seus personagens, etc.*).

Cada uma destas subescalas é composta, por uma quantidade específica de itens: FS e CE, sete proposições, AP e TP, seis proposições. Todas elas foram avaliadas por escalas *likert*, que variam de 1 (“não me descreve bem”) a 5 (“descreve-me muito bem”). Escores mais altos indicam níveis mais elevados em cada uma dessas dimensões e a soma dos escores de todas as subescalas é utilizada para calcular o nível global de empatia. O item 2 (*Sou neutro quando vejo filmes*) deve ter sua pontuação invertida, pois foi elaborado na direção contrária a dos demais itens da escala.



Além do EMRI foi utilizado um pequeno questionário para levantar alguns dados sociodemográficos como idade, sexo e renda econômica dos participantes.

Procedimentos

Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa seguiram as orientações previstas na Resolução 196/96 do CNS e na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CNS, 1996; ANPEPP, 2000).

Administração

Colaboradores com experiência prévia na administração do EMRI foram responsabilizados pela coleta dos dados, e apresentaram-se nas salas de aula como interessados em conhecer as opiniões e os comportamentos dos alunos sobre as situações descritas nos instrumentos.

Solicitou-se a colaboração voluntária dos jovens no sentido de responderem um breve questionário. Após ficarem cientes das condições de participação na pesquisa, assinaram um termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi-lhes dito que não havia resposta certa ou errada. A todos foi assegurado o anonimato das suas respostas informando que estas seriam tratadas em seu conjunto. A Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis – EMRI foi respondida individualmente.

Apesar de o instrumento ser auto-aplicável, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os colaboradores na aplicação estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 30 minutos foi suficiente para concluir essa atividade.

Análise dos dados

Quanto à análise dos dados, tomou-se orientação metodológica e estatística o estudo de Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga e Menezes (2011) e Formiga, Sampaio, Guimarães e Camino (2012); na versão 21 do pacote estatístico SPSS para Windows, foram computadas estatísticas descritivas (tendência central e dispersão), efetuadas os cálculos referidos ao Alpha de Cronbach (α). Realizou-se, no AMOS GRAFICS 21, a análise fatorial confirmatória, esta tinha o objetivo de avaliar o modelo multidimensional, previamente encontrado por esses autores, bem como, os indicadores psicométricos da estrutura fatorial proposta.

Considerou-se como entrada a matriz de covariâncias, tendo sido adotado o estimador *ML* (*Maximum Likelihood*). Sendo um tipo de análise estatística mais criteriosa e rigorosa, testou-se a



estrutura teórica que se propõe neste estudo: isto é, a estrutura com quatro fatores. Esta análise apresenta alguns índices que permitem avaliar a qualidade de ajuste do modelo proposto (Bilich; Silva & Ramos, 2006; Byrne, 1989; Hair; Tatham; Anderson & Black, 2005; Tabachnick & Fidell, 1996; Van De Vijver & Leung, 1997). A seguir serão apresentados esses indicadores:

- O χ^2 (qui-quadrado) testa a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos dados: quanto maior o valor do χ^2 pior o ajustamento. Entretanto, ele tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação aos graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$). Neste caso, valores até 3 indicam um ajustamento adequado.

- *Raiz Quadrada Média Residual (RMR)*, que indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero (Joreskög & Sörbom, 1989).

- O *Goodness-of-Fit Index (GFI)* e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index (AGFI)* são análogos ao R^2 na regressão múltipla e, portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Os valores desses indicadores variam de 0 a 1, sendo que os valores na casa dos 0,80 e 0,90, ou superiores, indicam um ajustamento satisfatório (Hair; Anderson; Tatham; Black, 2005; Bilich; Silva; Ramos, 2006).

- A *Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA)*, com seu intervalo de confiança de 90% (*IC90%*), é considerado um indicador de “maldade” de ajuste, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o *RMSEA* se situe entre 0,05 e 0,08, aceitando-se valores até 0,10 ((Hair; Anderson; Tatham; Black, 2005).

- O *Comparative Fit Index (CFI)* - compara de forma geral o modelo estimado ao modelo nulo, considerando valores mais próximos de um como indicadores de ajustamento satisfatório (Hair; Tatham; Anderson; Black, 2005; Bilich; Silva; Ramos, 2006).

- *Tucker-Lewis Index (TLI)*, apresenta uma medida de parcimônia entre os índices do modelo proposto e do modelo nulo. Varia de zero a um, com índice aceitável acima de 0,90 (Bilich, Silva & Ramos, 2006).

- O *Expected Cross-Validation Index (ECVI)* e o *Consistent Akaike Information Criterion (CAIC)* são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo determinado em relação a outro. Valores baixos do *ECVI* e *CAIC* expressam o modelo com melhor ajuste (Hair; Anderson; Tatham; Black, 2005; Bilich; Silva; Ramos, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSAO

A título de lembrança para o autor, o presente estudo tem como objetivo avaliar a



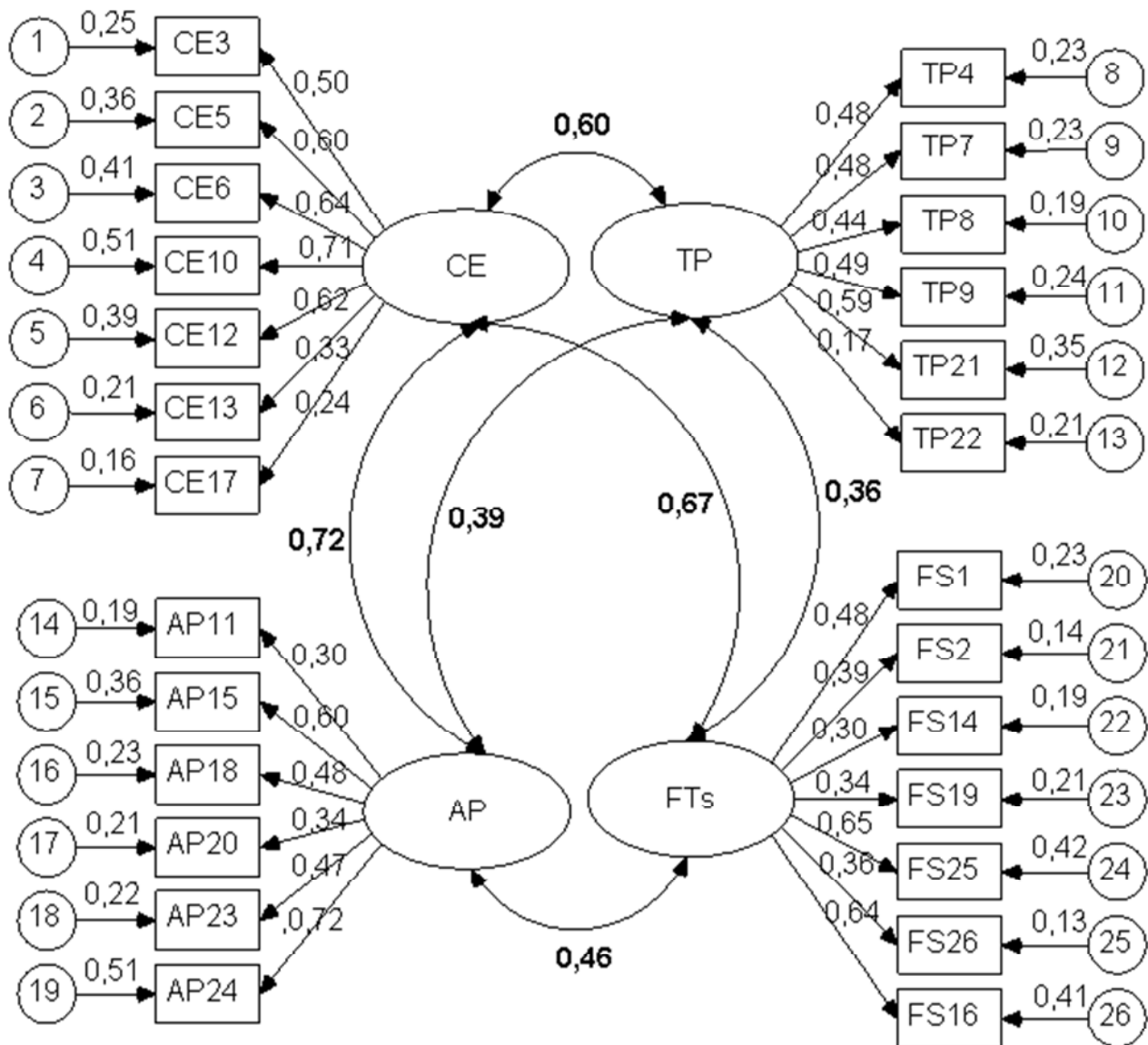
estrutura fatorial, da escala multidimensional de reatividade interpessoal; este, tem como base a proposta fatorial desenvolvida por Davis (1983) e que foi adaptado por Sampaio et. al. (2011) e corroborado por Formiga et al. (2012) com amostras brasileiras. Sendo assim, considerou-se a existência de quatro fatores da reatividade interpessoal: angústia pessoal (AP), consideração empática (CE), tomada de perspectiva (TP) e fantasia (FS).

Deixando livre as covariâncias (ϕ , ϕ) entre os fatores, observaram indicadores de qualidade de ajuste próximos as recomendações apresentadas na literatura [$\chi^2/gf = 2.21$, RMR = 0.04, GFI = 0.98, AGFI = 0.96, CFI = 0.99, RMSEA (90%IC) = 0.02 (0.01-0.06), CAIC = 528.32 e ECVI = 1,42 (1.32-1.56)]. (Byrne, 1989; Van De Vijver & Leung, 1997). De acordo com esses resultados, o modelo tetrafatorial, o qual hipotetizado e previamente estabelecido por Davis (1983) foi possível corroborar a estrutura tetrafatorial na referida amostra.

Desta maneira, com todas as saturações (Lambdas, λ) dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$, condição que sugere não existir problemas de estimação proposta, observaram-se que estas foram estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96$, $p < 0,05$). Assim, corrobora-se a estrutura psicométrica composta por quatro fatores [Consideração Empática (CE), Angústia Pessoal (AP) e Tomada de Perspectiva (TP) e Fantasia (FS)] avaliam a empatia assumida pelos sujeitos, as quais, por sua vez, apresentaram lambdas (λ) positivos associados entre si (ver figura 1).



FIGURA 1: Estrutura fatorial da escala multidimensional de reatividade interpessoal (Empatia)



Notas: CE = Consideração Empática, TP = Tomada de Perspectiva, AP = Angustia Pessoal, FTs = Fantasia.

Considerando esses resultados, a EMRI composta por quatro fatores, apresentou tanto adequabilidade quanto consistência interna da medida da empatia em universitários da cidade de Natal-RN; estes resultados revelam que, independente do contexto amostral em que o instrumento foi administrado, com amostra de universitários (Formiga, Galvão, Barboza & Camino, 2012; Formiga, Rique, Galvão, Camino & Mathias, 2011), o presente instrumento mostrou que a relação item-fator são semelhantes, bem como, a associação entre os fatores.

Sendo assim, salienta-se que a estrutura fatorial da EMRI responde não somente a condição da medida da empatia em brasileiros, mas, também, reforça a direção teórica que Davis



(1983) apresentou quando se refere ao construto avaliativo da empatia, o qual, a partir dos indicadores observados ao gerar o modelo psicométrico, comprovar as reflexões teóricas e empíricas dos estudos brasileiros para avaliação desse construto (ver Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga & Menezes, 2011; Formiga, Sampaio, Guimarães & Camino, 2012).

Desta forma, ao mensurar a empatia em universitários, sugere que estes sujeitos, provavelmente, desenvolvem o reconhecimento de uma situação interpessoal e a preocupação com o outro no seu entorno social; desenvolve-se, com isso, que de acordo com Formiga (2012), uma espécie de ressonância interpessoal. Ao considerar o modelo das experiências empáticas, tal ressonância ocorreria, tendo como direção a concepção de Davis (1983), por meio do afeto e/ou da cognição.

Considerando a reflexão do parágrafo acima, destaca-se que uma pessoa empática ao buscar o respeito, a compreensão do outro e a participar do espaço sócio-cognitivo do observador, bem como, do observado, no campo dos problemas do outro, estará disposto às aberturas do espaço interpessoal e afetivo estimulando e/ou simulando convicções, desejos, percepções, sentimento, etc. que permita ao sujeito se colocar no lugar do sentimento e emoção do outro, porém, não sendo o outro (Formiga, 2012; Formiga, Sampaio, Guimarães & Camino, 2012).

Os estudos sobre a empatia têm contribuído muito para que seja compreendido de que forma as pessoas geram e administram a capacidade de abrir canais de comunicação para a relação interpessoal, estimulando e simulando convicções, desejos, etc., capaz de observar os sentimentos e as emoções do outro. De forma geral, é possível então, que, a partir do desenvolvimento dessas habilidades estabeleçam condições para uma formação moral, ética e social, pois, tais variáveis convergem em direção única quanto a intervenção e melhoria nas atitudes sobre o respeito e compreensão em relação às condutas frente as pessoas do entorno social (próximas ou não socialmente), incluindo estas, no campo do problema solucionável, possibilitando a quem precisa de ajuda e a quem pode ajudar, uma disposição para o acolhimento e apoio (social e afetivo) ao outro contribuindo para abertura de espaços para os vínculos afetivos na interação humana (Formiga et al, 2011).

Espera-se que os objetivos deste estudo tenham sido cumpridos, principalmente, no que diz respeito à consistência da estrutura fatorial da escala EMRI, a qual já observada em estudos posteriores no Brasil; esta, por sua vez, poderá ser administrada a sujeitos brasileiros para estudos na área das ciências humanas, sociais e da educação.



REFERÊNCIAS

Associação Nacional de Pesquisa E Pós-Graduação em Psicologia - ANPEPP. (2000). *Contribuições para a discussão das Resoluções CNS n.º. 196/96 e CFP N.º 016/2000*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da WEB (página da WEB): http://www.anpepp.org.br/XIISimposio/Rel_ComissaoEticasobre_Res_CNS_e_CFP.pdf2000.

Bandeira, M., Costa, M. N., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. & Gerik-Carneiro, E. (2000). Qualidades psicométricas do Inventário de Habilidades Sociais (IHS): estudo sobre a estabilidade temporal e a validade concomitante. *Estudos de Psicologia*, 5 (2), 401-412.

Batson, C. D.; Eklund, J. H.; Chermok, V. L.; Hoyt, J. L. & Ortiz, B. G. (2007). An additional antecedent of empathic concern: valuing the welfare of the person in need. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93 (1), 65-74.

Batson, D. C.; Tricia, R. K.; Highberger, L. & Shaw, L. L. (1995). Immorality From Empathy-Induced Altruism: When Compassion and Justice Conflict. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68 (6), 1042-1054.

Bilich, F.; Silva, R. & Ramos, P. (2006). Análise de flexibilidade em economia da informação: modelagem de equações estruturais. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*, 3 (2), 93-122.

Byrne, B. M. (1989). *A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models*. New York: Springer-Verlag.

Conselho Nacional De Saúde – CNS. (1996). *Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da WEB (página da WEB): http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm. 1996.

Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 113-126.

Decety J.; Michalska K. J. & Akitsuki, Y. (2008). Who caused the pain? A functional MRI investigation of empathy and intentionality in children. *Neuropsychologia*. 46, 2607–2614.

Decety, J. (2005). Perspective taking as the royal avenue to empathy. In: B. F. Malle e S. D. Hodges (Eds.), *Other minds: How humans bridge the divide between self and other*. (pp. 143–157). New York: Guilford Publications.



Decety, J. & Jackson, P. L. (2004). The functional architecture of human empathy. *Behavioral and Cognitive Neuroscience Reviews*, 3, 71–100.

DeCorte, K., Buysee, A., Verhofstadt, L., Roeyers, H., Ponnet, K. & Davis, M. (2007). Measuring empathic tendencies: Reliability and validity of the Dutch version of the Interpersonal Reactivity Index. *Psichologica Belgica*, 47 (4), 235-260.

Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Falcone, E. M. O., Ferreira, M. C., Luz, R. C. M., Fernandes, C. S., Faria, C. A., D'augustin, J. F., Sardinha, A. & Pinho, V. D. (2008). Inventário de Empatia (I.E.): desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. *Avaliação psicológica*, 7 (3), 321-334.

Farias, S. A. & Santos, R. C. (2000). Modelagem de Equações Estruturais e Satisfação do Consumidor: uma Investigação Teórica e Prática. *Revista de Administração Contemporânea*, 4 (3), 107-132.

Formiga, N. S.; Camino, C. & Galvão, L. (2009). Empatia, desenvolvimento moral e conduta desviante em adolescentes: testagem de um modelo teórico. In: *VII Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento*. (pp. 541-542). Rio de Janeiro, RJ: CBPD.

Formiga, N. S. (2012). Os estudos sobre empatia: Reflexões sobre um construto psicológico em diversas áreas científicas. Revista eletrônica psicologia.com.pt - O Portal dos Psicólogos, 1, 1-25. Recuperado em 10 de Novembro de 2012, da WEB (página da WEB): http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0639

Formiga, N. S.; Galvão, L. K. S; Barboza, M. & Camino, C. (2012). Consistência estrutural da escala multidimensional de reatividade interpessoal: Um estudo com jovens civis e militares. *Eureka: Revista científica de psicologia*, 9 (2), 171-184.

Formiga, N., Rique, J., Galvão, L., Camino, C. & Mathias, A. (2011). Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal – EMRI: consistência estrutural da versal reduzida. *Revista Psicologia*, Trujillo (Perú), 13(2), 188-198.

Galvao, L.; Camino, C.; Gouveia, V. V. & Formiga, N. S. (2010). Proposta de uma medida de empatia focada em grupos: Validade fatorial e consistência interna. *Psico*, 41 (3), 399-405.

Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Santos, W. S., Rivera, G. A. & Singelis, T. M. (2007). Escala de Contágio Emocional: Adaptação ao contexto brasileiro. *Psico*, 38 (1), 45-54.



Hair, J. F.; Tatham, R. L.; Anderson, R. E. & Black, W. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Bookman.

Hoffman, M. L. (2000). *Empathy and moral development: Implications for caring and justice*. New York: Cambridge University Press.

Joreskog, K. & Sorbom, D. (1989). *LISREL 7 user's reference guide*. Mooresville: Scientific Software.

Primi, R.; Bueno, J. M. H. & Muniz, M. (2006). Inteligência emocional: validade convergente e discriminante do MSCEIT com a BPR-5 e o 16PF. *Psicologia: Ciencia e Profissão*, 26 (1), 26-45.

Mehrabian, A. & Epstein, N. (1972). A measure of emotional empathy. *Journal of Personality*, 40, 525-543.

Ribeiro, J.; Koller, S. H. & Camino, C. (2002). Adaptação e validação de duas escalas de empatia para uso no Brasil. *Estudos de psicologia*, 18 (3), 43-53.

Sampaio, L. R.; Guimarães, P. R. B.; Camino, C. P. S.; Formiga, N. S. & Menezes, I. G. (2011). Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: tradução e adaptação do Interpersonal Reactivity Index (IRI). *Psico*, 42 (1), 67-76.

Siqueira, M. M.; Barbosa, N. C. & Alves, M. T. (1999). Construção e Validação Fatorial de uma Medida de Inteligência Emocional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15 (2), 143-152.

Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.

Van De Vijver, F. & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Wispé, L. (1990). History of the concept of empathy. In: N. Eisenberg & J. Strayer (org), *Empathy and its development*. (pp 17-37). New York: Cambridge University Press.

